

UMA LEITURA INVESTIGATIVA DAS IMAGENS FOTOGRÁFICAS DE UM FURTO QUALIFICADO

Gabriel dos Santos Leite
- (FACULDADES DE DRACENA / UEL)

Resumo

Verificar o acontecido por meio da fotografia relacionada com o que de fato aconteceu é codificar/decodificar uma parcela da realidade, já que são possíveis infinitas leituras. O plano da interpretação dessa imagem fotográfica leva o sujeito não só a crer no que vê, mas crer que a fotografia possui um caráter revelador sobre a realidade representada.

As imagens fotográficas mesmo produzidas com claras intenções do profissional que as elabora, podem induzir as outras leituras, dependendo dos elementos que são associadas a elas, como os signos: icônicos, indiciais e simbólicos que podem levar ao “pensar”, ao interpretar nos receptores, mostrando que há muito mais informações por detrás de uma fotografia do que a sua figura ilustrativa.

A semiótica, ciência que estuda todas as linguagens será nossa referência teórica, autores como Peirce, Santaella. e Simões que permitirão um estudo da função indicial e sua presença icônica da(s) imagem(s) verificada(s).

Palavras – chave

fotografia, signo, indicial, icônico.

Considerações Iniciais

A ciência é construída sobre o mundo vivido e ela só pode ser vista enquanto

expressão segunda resultante da experiência do mundo. É um ato de secundidade que nos leva à caracterização indicial da ciência (índice - tipo de signo que se apresenta em relação de contigüidade com o objeto a que representa), pela qual o homem se conduz de uma para outra descoberta, como se perseguisse pistas demarcadas pelas coisas do mundo. (SIMÕES, 2002)

Ninguém produz a partir do nada, o texto não nasce do nada, ele nasce de outro texto, seja verbal ou visual, quanto mais o indivíduo lê mais aumenta seu repertório, aí é constatada a necessidade de rastrear índices em uma investigação.

O Crime de furto pode ser de natureza simples, sem rompimento de obstáculos ou qualificado que pode ser por arrombamento, escalada, chave falsa, esse último o que qualifica é caracterizado por deixar vestígios.

As fotografias produzidas em locais de crime são firmemente fundamentadas por intuítos que vão além da simples ilustração. Os objetivos específicos correspondem a informar e testemunhar, para que estas intenções sejam obtidas o fotógrafo deve estar contextualizado com o ocorrido para saber decifrar a mensagem que através de suas fotos narra o fato. A apreensão do fotógrafo no ato de sua fruição como espectador se revela a essência do acontecimento. De acordo com Aumont (1993) o instante pregnante é definido como um instante que diz respeito ao acontecimento real que é fixado na representação.

Existem três passos na preparação de uma imagem por meio da fotografia que conforme Gutiérrez(1995) são: o ato da produção, o ato da recepção e o terceiro ato é o da contemplação. Tais atos re-

presentam a fotografia como transformação do real, uma trilha do ocorrido.

A fotografia nos Laudos Periciais é estruturada com uma narrativa cuja natureza é indicial e comporta a idéia de um acontecimento.

1.0 - Fundamentação Teórica

Para a realização desse artigo, se faz necessário apresentar as principais teorias semióticas que foram elaboradas por Charles Sanders Peirce e conceitos específicos para análise da imagem oriundos dessas teorias e que foram desenvolvidos por outros estudiosos dessa ciência entre eles Lucia Santaella e Darcilia Simões ainda que suas aplicações mais profundas fiquem para outro estudo.

1.1 - Semiótica

O cientista, matemático, historiador, filósofo e lógico norte-americano, Charles Sander Peirce (1839-1914), é considerado o fundador da moderna Semiótica.

Segundo Nöth (1985 p14). “Semiótica é usada para se referir à tradição filosófica da teoria dos signos desde Peirce”.

Santaella no seu livro - O que é Semiótica nos diz que: “ O nome semiótica vem da raiz grega semeion, que quer dizer signo.” “ Semiótica, portanto, é a ciência dos signos, é a ciência de toda e qualquer linguagem” Santaella (1983 p. 7).

E continuando a estudiosa afirma que: “A Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno de produção de significação e de sentido.” Santaella (1983, p. 13).

No Brasil foi nomeada a estudiosa Santaella como nosso norte na compreensão da teoria peirciana, nossa referência de leitura para os estudos semióticos.

1.2 A teoria semiótica e a revolução conceptual de SIGNO:

Antes de abordar a função sígnica da fotografia e o maneira pelo qual esta representa a aparência da realidade, é importante rever o embasamento fenomenológico que sustenta a noção de signo.

Santaella (1988) diz que a fenomenologia segundo Peirce, é a descrição e análise das experiências, que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano. Segundo Santaella:

(...) o signo é qualquer coisa de qualquer espécie(...) que representa uma outra coisa, chamada de objeto de signo, e que produz um efeito interpretativo em uma mente real ou potencial, efeito este que é chamado de interpretante de signo. (Santaella, 2005, p.08)

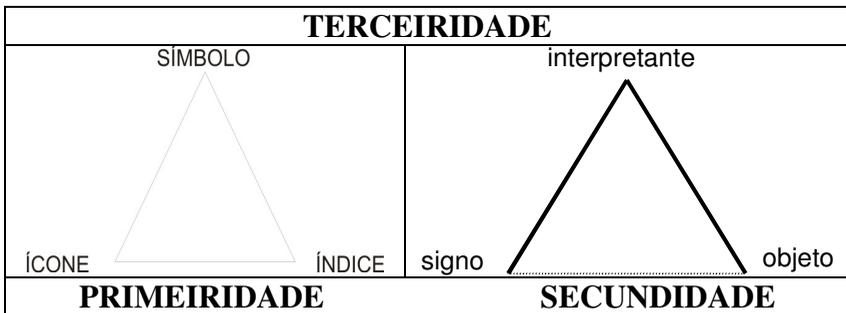
Conforme explica Simões (2002);

Com base no tripé da primeiridade, secundidade e terceiridade construído por Peirce, pode-se deduzir que a representação do efeito produzido pelo contato entre phaneron e mente se faz iconicamente, pela descrição das qualidades do "objeto-sensível" (entre aspas por se tratar de algo ainda inefável); indicialmente pelo relato de suas relações têmporo-espaciais com outros objetos sensíveis reconhecidos e simbolicamente, por meio do discurso sobre o objeto: signo terceiro que envolve juízo de valor do intérprete sobre o objeto

sensível representado. Logo, lançar mão da Semiótica como moldura metodológica para uma investigação é traçar um esquema tridimensional para a interpretação dos signos que se construírem como objetos de análise, dando-lhe ao pesquisador, no mínimo, três estágios de testagem de suas hipóteses e de projeção de suas conclusões. (SIMÕES, 2002).

Semiótica da significação: o triângulo da significação de OGDEN e RICHARDS(1964)

Peirce e a natureza triádica do signo: representâmen x interpretante x objeto (cf. SANTAELLA, 1988).



O signo é o primeiro relato da relação triádica. Peirce (2.92) afirmou que “o signo esta relacionado com o objeto com respeito a uma qualidade...” Dessa forma, algo é significativo de seu objeto e possui potencialidade signica ou qualidade de acordo com três modos de qualidade: interna, relativa e imputada conforme Peirce (1.558). O signo é dividido em ícones, índices e símbolos. Assim sendo, algo é significativo do seu objeto que de acordo com Santaella a base do signo obedece a essas três modalidades que são:

1-quando a relação com seu objeto está numa mera comunidade de alguma qualidade (semelhança ou ícone);

2-quando a relação com seu objeto consiste numa correspondência de fato ou relação existencial (índice) ; e

3-quando o fundamento da relação com o objeto depende de um caráter imputado, convencional ou de lei (símbolo). (SANTAELLA, 2004, p.21)

1.3 Objeto Dinâmico e Imediato

Sobre a distinção entre objeto dinâmico e imediato (SANTAELLA, 2004) diz que: Peirce quis evidenciar que os símbolos se expandem, proliferam, crescendo em complexidade. Embora cresçam nunca se pode determinar a identidade entre objeto imediato e dinâmico. Há sempre um descompasso.

Para Peirce, o objeto dinâmico do símbolo seria o objeto nas relações de um estudo terminado, como uma investigação que chega ao seu ponto terminal, ponto esse que na semiose é correspondente a revelação de aspectos exibidos por ele.

No caso do símbolo, pode-se dizer que o objeto imediato é o objeto dinâmico.

Quanto ao ícone, seu objeto imediato tem o caráter de uma aparência, elas apenas aparecem. Desse modo, o objeto dinâmico de um ícone pode ser qualquer coisa e tudo aquilo que é semelhante ao ícone. Vemos aqui a natureza indefinida, vaga e imprecisa do ícone.

Já no caso do índice, segundo Santaella:

“O objeto imediato, ou o modo como o signo indica seu objeto dinâmico, diz respeito à apreensão do sinal que a própria

bala deixou ao passar pela parede. Esse sinal indica que a bala, de fato, lá esteve deixando sua marca. Neste caso, portanto, o objeto dinâmico é necessariamente existente, concreto, singular. E o modo como o objeto imediato o representa se dá por meio de uma marca (o orifício) que registra uma conexão de fato entre dois individuais existentes, no caso, uma bala e uma parede.”(SANTAELLA, 2004, p43).

1.4 Semiótica como Objetivo e Ciência

Para Simões (2002), a meta e o objetivo é entender a semiótica como uma ciência que nos educa o “ver” por intervenção e posse de todos os nossos sentidos, usando-os como “antenas” mensagens verbais e não-verbais, visíveis e invisíveis na composição dos textos com que interagimos diuturnamente.

É por mediação da exposição dos fatos e fenômenos que se torna possível a reflexão sobre o irrefletido. Conforme Simões;

O irrefletido é uma coisa primeira que faz da ciência uma sua representação icônica (ícone- tipo de signo que se apresenta em relação de semelhança com o objeto a que representa). A representação icônica torna possível ao homem operar sobre as coisas e fenômenos analisando-as e descrevendo-as por meio de atos de linguagem. (SIMÕES, 2002).

A semiótica peirceana, viabiliza meditação sobre os esquemas de cognição, no qual a revisão do movimento intelectual associado ao dos sentidos (tato, visão, audição, etc.) é uma das grandes contribuições da semiótica na produção de textos verbais e visuais.

E dessa forma que se propõe a leitura do texto visual do furto qualificado no qual o olhar é sensibilizado, e estando na indicialidade rastreiam índices revelando um novo olhar com informações que confirmam o poder de comunicar dos ícones e índices que conforme a estudiosa Simões;

Adentrar os umbrais da semiótica resulta em reeducar a percepção do mundo; redirecionar a capacidade de captar os signos e significações que resultam da interação do homem com o mundo interior e com tudo que o cerca. Desenvolver um trabalho de pesquisa com meta de dinamizar as investigações num caminho de alta produtividade seria o das teorias semióticas construídas por Charles Sanders Peirce (Collected Papers) (SIMÕES, 2002).

2.0 Descrições do Delito de Furto Qualificado mediante Arrombamento o qual produziu informações para a pesquisa

Os dados referentes ao furto qualificado e a forma como aconteceu, chama a atenção para o fator importante da fenomenologia, a relação entre a informação com a primeira categoria de Peirce. Primeiridade, secundidade e terceiridade, o potencial de informação que o signo carrega é muito grande justamente por ter sido deixado vários vestígios nos locais do crime.

Após o movimento produzido pelo autor do delito, foi possível registrar em textos visuais, fragmentos do ocorrido. É interessante também compreender que se o fotógrafo o autor das imagens, não conhecesse o contexto não leria as entrelinhas.

Entretanto vale ressaltar que se chegou ao suspeito com a informação da vizinha que na madrugada do respectivo dia do furto ela ouviu o barulho de um automóvel “fusca”, porém, não sabia de que cor era o “fusca”, essa informação foi muito importante para o início da investigação.

Foi a partir do sentido da audição que nasceu o primeiro signo-ícone “o som do fusca”, deixando a investigação em estado de contemplação a qual gerou uma grande semiose, um signo chamando outro signo como: O som do “fusca”, fechadura danificada, marca no local da remoção do cofre, marca porteira, desenho pneus no local próximo do encontro do cofre, o cofre cor verde escuro danificado, documentos da vítima espalhados, vestígios da pintura do carro na cerca, a cor branca da pintura do carro, altura da cerca com altura do arranhado no carro, marcas pneus em direção ao banco de madeira, banco de madeira que sofreu o embate da traseira do “fusca”, marcas da pintura do carro de cor branca no chão, terra vermelha próximo ao banco de madeira que se alojava embaixo do “fusca “ e que no embate caiu, presença de películas de tinta de cor branca espalhadas no solo, sob o citado banco de madeira e adjacências.

No confronto de: marcas do desenho dos pneus, marca de tinta cor verde escuro no estribo do “fusca, esfoladelas da cerca na direita traseira do “fusca” na mesma altura da cerca com vestígios, amassado na traseira do “fusca” onde se deu o embate com o banco na mesma altura, marcas de terra vermelha próxima o banco de madeira que se alojava embaixo do “fusca “ que no embate caiu, ajudou a desvendar o crime.

3.0 – Leitura da significação nas fotografias do Furto Qualificado

Para facilitar a compreensão das teorias de Pierce aqui expostas, será apresentada uma leitura semiótica das imagens fotográficas realizadas no local onde se deu o furto e outros que tiveram relações de interesse ocorrido no dia 28 de maio de 2007, na cidade de Dracena, São Paulo. A leitura se faz com o propósito de relacionar a semiótica com os vestígios encontrados nos locais de crime e compreender melhor a aplicação dessa ciência que estuda todas as linguagens.

Esse estudo é do tipo que se distingue pelo domínio de uma linguagem, cuja constituição sígnica vem instituir e interpretar elementos e relações estabelecidas materialmente e especificamente através da prática do delito.

Os atendimentos de locais no qual tiveram ligação com o furto foram realizados em quatro etapas como segue:

08h05min

O som do “fusca” esse foi o primeiro signo, sinais que entram no nosso espaço vital, os elementos de comunicação. Quando às três horas da madrugada do dia do furto a vizinha ouve o som e o identifica como sendo o de um fusca. Conforme Simões (2002), a representação icônica torna possível ao homem operar sobre as coisas e fenômenos analisando-as e descrevendo-as por meio de atos de linguagem.



Fig 1

A foto figura um já dentro do escritório mostra a marca quadrangular no piso (área preservada de limpeza), associável à remoção do cofre furtado. O suporte marca o lugar exato no piso onde estava o cofre, o ato de ver chama para os elementos significativos. A legenda quando acompanha da fotografia permite o reconhecimento do assunto fotografado. Nesse sentido, sem a legenda pode propiciar outras decodificações.

11h20min



Fig. 2

Essa foto a de número dois mostra o automóvel do segundo local visitado referente ao furto qualificado no qual foi vistoriado como

suspeito, mas, até o momento ainda não se tinha elementos para confronto, tanto que a fotografia foi feita do lado que não tinha os vestígios, pois até então não se conhecia o movimento do situacional. Quando não se conhece o contexto não se lê entrelinhas. Como ninguém produz a partir do nada não houve produção satisfatória nesse momento, é preciso de repertório e contextualização para uma leitura mais completa.

13h10min

Conforme diz a estudiosa Simões;

A produção s3gnica 3 a plataforma que d3 ao homem os meios indispens3veis 3 organiza3o do pensamento e 3 sua convers3o de linguagens e c3digos. Por esses meios, o irrefletido torna-se signo e sobre ele torna-se poss3vel projetarem-se os holofotes da especula3o cient3fica (ou t3cnica) com vistas a investigarem-se-lhes a estrutura3o interna e a situa3o externa (no tempo e no espa3o), dando-lhe significado e permitindo a apreens3o de sentido por parte de cada int3rprete (leitor, investigador). (SIM3ES, 2002)

A partir dessa fotografia a de n3mero tr3s at3 a 3ltima temos uma seq34ncia de signo chamando outro signo, ou seja, uma semiose cuja natureza 3 ling34stica e pragm3tica.

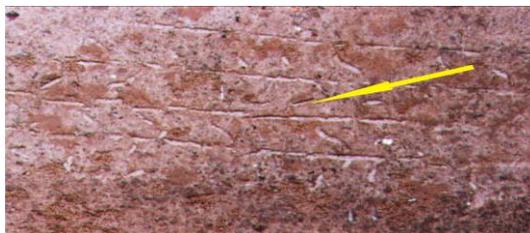


Fig. 3

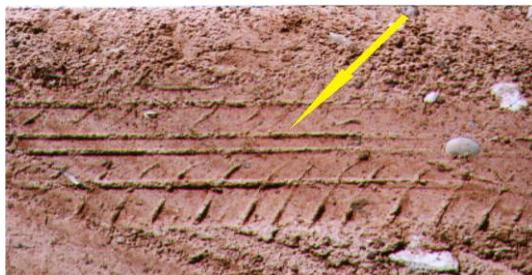


Fig. 4

Na figura quatro, foi verificada a presença de sinais recentes da passagem de pneus de veículo de pequeno porte, imprimidos na estrada municipal DRA-163 num trecho onde iniciava um aceiro junto à cercadura daquele imóvel. Esses vestígios são signos indiciais, eles nos levam a relações vividas, buscando relações mais profundas.



Fig. 5

Essa fotografia número cinco tem caráter indicial, podemos fazer relação com o já conhecido experiências vividas. Quando procura conhecer, passa a ter relação com o objeto, volta-se para vivência já experimentada. Como exemplo, a marca no chão no local do furto.



Fig. 6

No aceiro, como mostra a figura seis, vemos espalhados nas imediações do cofre a presença de documentos diversos, a maioria em nome da vítima e vários objetos.



Fig. 7



Fig. 8

Nas figuras sete e oito foi constatado a presença de tinta de cor branca impregnado num fio de arame farpado (o primeiro de baixo para cima) da cercadura marginal do aceiro trecho próximo ao cofre, desagregadas da lateral direita do veículo de pequeno porte que naquele local trafegou;

Ao fazer a leitura vai sendo sensibilizando o olhar e então começa a observar os signos indiciais.



Fig. 9

Na figura nove, a mancha de terra vermelha no chão, escoriações na estaca, e buraco em volta da estaca são signos, ainda indici-

ais que auxiliam na leitura desse texto visual, a foto em si exprime o acontecido.

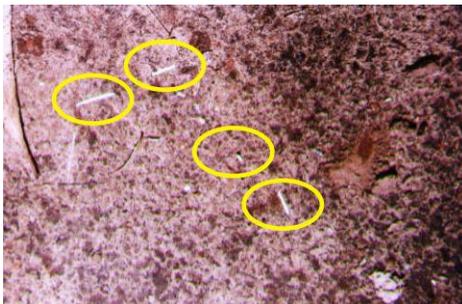


Fig.10



Fig11

Nas figuras deis e onze observa-se a presença de películas de tinta de cor branca espalhadas no solo, sob o citado banco de madeira e adjacências, e impregnadas no canto anterior esquerdo do assento do banco (visto de frente para trás), desagregados do veículo de pequeno porte por ocasião do choque. A cor branca também um signo indicial , e muito revelador, esse recorte foi muito informativo. O signo é significação é movimento.

15h00min

O veículo objeto de exame encontrado e examinado no quintal do prédio residencial nesta cidade tratava-se de um automóvel de marca VW, modelo Fusca, de cor branca.



Fig. 12

A figura doze identifica o veículo que ofereceu interesse pericial, aqui a foto em si exprime o que o fotógrafo pretendia retratar, a constatação dos seguintes sinais de aspecto recente. Do ponto de vista semiótico, todos os elementos da imagem apontam, enfatizam alto grau informativo.



Fig.13

Na figura treze contém danos no estribo direito, altura da porta, representados por amolgaduras e impregnações por atrito de tinta de

cor verde-claro; Aqui a cor verde-clara e a medida do cofre são elementos que enfatizam a informação têm a materialidade do signo no mundo objectual, o carácter indicial, a secundidade o confronto com o outro, é o situacional a realidade em que esta sendo usado.



Fig.14

Na figura quatorze a legibilidade dos danos ressalta informações que complementam, são representadas por amolgaduras associadas a esfoladelas com desprendimento de tinta, estas produzidas pelo atrito de múltiplas extremidades pontiagudas, sediados no terço posterior do flanco direito, orientados de trás para frente; Nessa fotografia as esfoladelas com desprendimento de tinta branca em confronto à tinta branca impregnado num fio de arame farpado levam a materialidade do signo no mundo objectual. Na secundidade têm-se as relações dos signos entre eles e os outros.

Na fotografia quatorze as amolgaduras, desprendimento da tinta branca, impregnação de cor marrom no mesmo lado e comparadas com as encontradas no banco de madeira e em sua volta com a altura da amolgadura no veiculo e altura do banco de madeira, pode-se dizer que aqui também impera o carácter indicial, na busca de relações mais profundas para se chegar ao símbolo, o interpretante. Santaella diz que: a relação do signo com o interpretante delineia-se porque o signo deve afetar uma mente (existente ou potencial) de

modo a determinar (criar) algo nessa mente chamado de interpretante.



Fig. 15



Fig. 16



Fig. 17

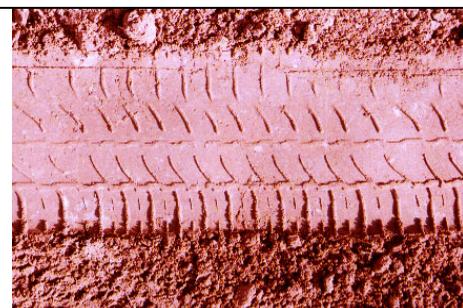


Fig. 18

Nas figuras de número quinze até o número dezoito mostra que foram colhidos sinais da passagem dos quatro pneus do fusca branco, os quais foram comparados com os sinais da passagem de pneus de veículo de pequeno porte encontrados no local onde o cofre da vítima foi encontrado. O desenho dessas fotografias confrontadas com os desenhos encontrados no local vistoriado são também signos indiciais que levam ao símbolo, o interpretante.

Segundo (SANTAELLA, 2004), (...) tanto o objeto quanto o interpretante são partes constitutivas do signo (ou processo de repre-

sentação), de modo que este só pode ser definido na relação com o objeto e o interpretante.

Analisando os vestígios registrados no veículo e os sinais da passagem de seus pneus com aqueles levantados no local onde se encontrava o cofre foi confirmado que o respectivo Fusca branco lá esteve.

É através de toda essa semiose centrada no situacional que dá o sentido, a foto tem iconicidade, leva ao índice e as relações indiciais que levam a tradução dos textos.

Além dos propósitos de uso, bem como a leitura das mensagens dos signos, e como essa interpretação interferiu no sucesso da investigação, foi possível conferir a importância deste sistema de signo onde se lê os movimentos pragmáticos sociais. A Semiótica peirceana se mostrou um instrumento epistemológico potente nos estudos das relações sógnicas da imagem existente na fotografia. A imagem na foto não se limita ao universo da secundidade, como pode também estar presente na primeiridade e na terceiridade. Foi pretendido elaborar um texto claro e atraente, de média informatividade que resultou num trabalho útil para quem tem interesse em dar início ao estudo na semiótica e finalmente, que inspire novas iniciativas do gênero.

Refêrencias Bibliográficas

- AUMONT, J. **A Imagem**. Papirus Editora. São Paulo: 1993.
- OGDEN, C.K. e RICHARDS, I.A. **El significado del significado**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 1964.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. 6a edição. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- SANTAELLA, Lúcia. **A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

- SANTAELLA, Lucia & NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1998.
- SANTAELLA, Lúcia. **Matrizes da Linguagem e Pensamento: sonora, visual, verbal.** São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2005.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, L. & NOTH, W. **Imagem. Cognição, semiótica e mídia.** São Paulo: Iluminuras, 1997.
- SIMÕES, Darcilia. **Semiótica: ciência, método e interdisciplinaridade.** *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, ano 8, n.13, 2002. Disponível em: <http://www.fortunecity.com/victorian/bacon/1244/Simoes.html>. Acessado em: 30 de set, 2007.